

NUNCA ESTIVEMOS AQUI

ANDREA BARTZ

Tradução de: Marcelle Alves



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2022

Kristen trotou até a margem do pátio e se agachou, estendendo seu longo braço. Seus dedos tatearam por toda a extensão de uma videira, levantando folhas, expondo os delicados caules. Eu a imaginei tropeçando e caindo, em um momento ela estava ali e, então, não estava mais, apenas a imagem residual de sua silhueta pairando no meu campo de visão. Eu não sei por quê. Em um momento indômito, me imaginei empurrando-a dali.

Em vez disso, inclinei para a frente, quase me levantando da mesa, e disse:

— Kristen, cuidado.

Estávamos sozinhas no pátio de madeira empoleirado sobre palafitas acima das vinhas, como havíamos estado em quase todos os lugares em que paramos esta semana. Restaurantes vazios, mercados vazios, centros de informações turísticas vazios. Às vezes, aparecia um ocasional amontoado de outros visitantes em pé ou sentados próximos demais, apesar de haver espaço o suficiente no mundo para todos.

Um rápido estalar na madeira e Kristen se levantou, segurando um cacho de uvas verdes disforme. Ela colocou uma na boca e mastigou atentamente.

— Nada mal. Segura.

Não consegui segurar seu arremesso e as uvas caíram sobre a mesa de vidro. Olhei rapidamente e, então, experimentei uma — ela explodiu esplendorosa e azedinha na minha língua.

— Ele disse que o rendimento da safra deles está péssimo esse ano. Você não precisava tirar um cacho inteiro.

Ela afundou na cadeira e ergueu seu pisco sour¹, verde limão e espumoso.

— Como agradecimento, vou deixar alguns pesos chilenos a mais quando estivermos de saída. Eu estava com fome. — Ela empurrou levemente seu copo contra o meu. — Você prefere me ver roubando algumas uvas do que me ver com a glicemia baixa, não é?

— Tem razão. — Os argumentos da Kristen Faminta eram incontestáveis.

De um lugar distante nos campos, um homem com uma bandana enrolada na cabeça nos observava, pouco antes das videiras encontrarem uma fileira de árvores frondosas. Além disso, colinas entrelaçadas cortam um horizonte escarpado e irregular. Kristen acenou para o trabalhador e ele acenou de volta.

Deixei o resto da minha bebida ficar na minha língua por alguns instantes. Estávamos bebendo esses drinks diariamente: suco de limão, açúcar de confeitiro e a aguardente amarelada que os chilenos afirmam ter surgido antes do pisco peruano. Senti, novamente, a formidável sensação de um daqueles momentos em que se pensa “*não é que isso é agradável?*”; um maravilhoso instante livre do medo que formigava incessantemente em meu cérebro nos últimos treze meses. Aqui estava eu, em uma viagem inesquecível: sete noites na América do Sul, explorando as montanhas desafiadoras e vales profundos com a minha melhor amiga de mais de uma década. Um drink tão revigorante e doce quanto a sensação de ser abraçada pelas ondas do mar. E ainda tínhamos mais duas noites pela frente.

Kristen tornou toda a experiência melhor, sua confiança era como uma redoma de vidro de segurança em um mundo estranho e impiedoso. Quando nos abraçamos no aeroporto, quase uma semana atrás, lágrimas de alívio cobriram meus olhos. Eu não a via há um ano — um ano marcado por ataques de pânico, pesadelos e gritos abafados pelo meu travesseiro, misturados com o barulho do chuveiro ou, ocasionalmente, silenciados pelo meu punho. Mas em Santiago, quando pegamos nosso carro alugado e dirigimos para o norte em rodovias desertas, Kristen ostentava seu jeito barulhento e astuto de sempre. Ela gritou quando o Pacífico apareceu em nosso campo de visão; buzinou para um grupo de alpacas felpudas que vimos à margem da rodovia. Ela apontava e suspirava para as barracas de frutas à beira da estrada, campos de milho ondulantes com fileiras perfeitamente retas e alinhadas, campos fartos



¹ *Pisco Sour* é um coquetel típico da América do Sul. A fama da bebida se disseminou não só pelo seu sabor, mas, também, pela disputa entre o Chile e Peru pela autoria do drink. Atribui-se, entretanto, ao Peru a utilização da palavra *pisco* para referir-se ao destilado da uva. [N. da T.]

de vegetais crescendo ao sol. E céu, tanto céu, uma enorme extensão de céu azul, quase crepitando em sua limpidez, e o modo como encontrava o oceano de um lado, e os picos sinuosos do outro. A presença de Kristen era como um perfume suave, um calmante impregnado nas partículas de ar, e me permiti relaxar.

Passamos a primeira noite em La Serena, onde passeamos por uma praça arborizada segurando casquinhas de sorvete que derretiam em nossas mãos, e ficamos em um hotel com paredes coloridas, onde pinturas de santos nos observavam enquanto dormíamos. Concordamos que era uma área muito turística e, na manhã seguinte, dirigimos para o interior. Em Pisco Elqui, fizemos uma aula de ioga com uma mulher que tinha os joelhos levemente arqueados e cabelos na altura do quadril; enquanto praticávamos o Tadasana, pulmões cheios e peitos estufados na Postura da Montanha, ela disse:

— Seu sorriso fortalece e alimenta seu *corazón*, seu coração.

Na segunda noite lá, três universitários alemães nos encurralaram em um bar, e o pânico voltou rugindo como uma pantera à espreita de sua presa. Kristen assumiu a liderança da situação; ela era charmosa, conseguia conversar com qualquer pessoa e, quando ela percebeu o medo em meus olhos, educadamente, nos separou do trio pretensioso e me levou de volta para a noite.

— Está tudo bem, sou eu, estou aqui — continuou ela murmurando enquanto caminhávamos pelas ruas escuras de volta ao nosso hotel. — Kristen está aqui. — Sua voz era como um bálsamo e suas palavras um cobertor pesado. Fizemos as malas e partimos no dia seguinte.

E, na manhã de hoje, chegamos em Quitéria. No início, fiquei inquieta com o cenário ermo. Estacionamos em um terreno e vagamos pelo que pareceram horas pelas ruas íngremes antes de encontrarmos um hotel aberto, nossas malas se arrastando atrás de nós como criancinhas desalentadas. No hotel, consegui as chaves de uma pequena suíte; o edredom da cama estava úmido apesar do ar seco da montanha. O sol estava se pondo e percebi que uma cidade erma seria uma vantagem para nós: menos homens para incomodar duas mulheres andando pelas ruas à noite. Você sabe o que dizem sobre mulheres que viajam sozinhas.

Kristen tomou o último gole de seu pisco sour.

— Sabe o que deveríamos fazer? Nossos desejos de aniversário.

— Ainda faltam duas semanas até meu aniversário.

— Eu sei, mas quero fazer isso pessoalmente. E, este ano, será um dos grandes.

Era nossa tradição, contar o que esperávamos que acontecesse com a outra naquele ano. Tive essa ideia depois de ler sobre dois melhores amigos, que também eram parceiros de negócios, que escreviam as resoluções de ano novo um do outro.

— Eu vou primeiro — disse Kristen, voltando-se para as videiras. — Meu desejo de aniversário para você, minha querida Emily... É que sua empresa finalmente abra os olhos, e lhe dê a promoção que você merece.

— Isso seria legal. — Eu me candidatei para um cargo de diretora há meses, mas minha empregadora, a startup Kibble, era desorganizada, ociosa e muito lenta em tomar decisões. Eu gostava do meu trabalho lá, porém, com promoção ou não, eu era gerente de projetos de uma startup que fornecia comida de gato, crua e orgânica, para donos de animais que tinham dinheiro demais. Eu tinha colegas de trabalho jovens e descolados, incluindo minha amiga do trabalho, Priya, e fotos de gatos em, literalmente, todos os lugares.

Ainda assim, não contei a Kristen que meu desejo secreto, sempre que via uma estrela cadente, soprava um dente-de-leão ou avistava um relógio marcando 11h11, era encontrar um companheiro maravilhoso, sossegar. Parecia muito antifeminista, carente demais para ser verbalizado. Mas com a Kristen do outro lado do mundo, e todos os meus amigos se casando (e, caramba, tendo filhos!), minha paciência estava se esgotando. E talvez eu finalmente estivesse caminhando na direção certa...

— Ele disse que vão começar a entrevistar os candidatos este mês — falei para ela. — É engraçado, ele age como se não houvesse tempo para nem sequer *pensar* sobre a posição em aberto. Como se ele estivesse muito ocupado salvando o mundo, um trato digestivo felino por vez.

— Donos de gatos são as piores pessoas. Eu digo isso como uma amante de gatos de carteirinha, impedida apenas por alergias.

— Eu acho a devoção dele meio fofa.

— É simplesmente um negócio inteiramente baseado em pessoas obcecadas por um animal desinteressado — disse Kristen, sarcasticamente.

— O gato do Russell não é desinteressado. Mochi o ama. Eu vi os vídeos. — Kristen revirou os olhos e eu me inclinei para a frente. — Para com isso, eu gosto do meu trabalho.

— Desculpe, desculpe, desculpe. — Ela acenou com a mão. — Certo, agora sua vez.

— Certo. Meu desejo de aniversário para você, com quatro meses de antecedência, é que, humm... — *Bati de leve na haste da minha taça. É que você perceba que odeia a Austrália. Que você volte para Milwaukee. Que as coisas*

voltem a ser como eram antes. — Eu espero que você faça seu chefe estúpido ser demitido, e que seu trabalho fique um milhão de vezes melhor. Ou que você encontre um novo emprego que a faça feliz.

— Não é justo, você acabou de me copiar!

— É disso que se tratam os trinta anos, certo? Crescer em nossas carreiras. Pelo menos *temos empregos*.

— Verdade. E, graças a Deus, nós usamos muito bem essa renda disponível. — Kristen estendeu o braço pelas vinhas, cujas fileiras imaculadas estreitavam-se à distância. Atrás delas, montanhas desalinhas se avermelhavam ao sol poente. Um pássaro pousou na beirada do deque da destilaria e soltou um trinado estridente. Um lindo tentilhão-da-serra, amarelo como uma gema de ovo — o reconheci de alguma pesquisa que fiz quando estava entediada em minha mesa em Milwaukee.

Perto de nós, ecoava um som de batidas. Provavelmente era só um picapau, mas, antes que eu percebesse, a memória passou diante dos meus olhos: *Pare. Pare. Pare.* Os olhos de Kristen se arregalaram enquanto ela recuava, sangue manchando seus sapatos. O momento em que tudo mudou, quando a vida se dividiu nitidamente em Antes e Depois.

Kristen colocou seus óculos escuros e sorriu para mim com um ar indulgente. Sorri de volta.

Eu estava errada em me preocupar. Até o incidente com o trio de alemães foi inofensivo. Não havia homens estranhos à espreita nas esquinas, seus olhos nos seguindo avidamente. Não havia nenhum cara bêbado invadindo nosso espaço pessoal ou nos seguindo de perto em ruas escuras. Não há motivos para inquietação.

Senti uma onda de calor ao olhar para Kristen.

Tudo havia corrido perfeitamente.

Uma abelha ziguezagueou sobre nossas taças, e Kristen abanou a mão para afastá-la, sem medo.

— Parece que somos as únicas estrangeiras em quilômetros — falei. O isolamento era excitante e inquietador.

— Não vai durar. O guia diz que todos os ônibus turísticos chegam aos sábados. — Ela esticou os braços e cruzou as pernas musculosas. Kristen tinha começado a treinar CrossFit em Sydney e, às vezes, seus membros ainda pareciam estranhos para mim. Levemente bronzeados e firmes, como se pertencessem a outro corpo.

Kristen havia se mudado para Sydney há dezoito meses; a empresa de pesquisa de mercado em que trabalhava abriu um escritório australiano e seu chefe a incentivou a se inscrever. Para o meu desespero, ela obedeceu, murmurando que estava farta de Milwaukee, sua cidade natal, alegando ser pequena e ter comunidades polarizadas.

Kristen na Austrália: pareceu um capricho fugaz e extravagante. Eu não conhecia a vida adulta sem ela, desde que nos conhecemos como estudantes de economia na Northwestern University, em Illinois, até quando ambas encontramos empregos em Wisconsin e dividimos um apartamento em ruínas na Brady Street. Passamos juntas por nossos anos de pós-graduação, encontros ruins, boas notícias sobre trabalhos, noites difíceis e manhãs ainda mais difíceis, até que emergimos, com os rostos renovados e triunfantes em nossos vinte e tantos anos. Eu, em meu próprio apartamento na Fifth Ward, e ela a alguns quilômetros, em Riverwest. Falávamos casualmente sobre como um dia seríamos madrinhas de casamento uma da outra, sobre como ela seria a “tia” dos meus futuros filhos. Naquela época, eu já amava Milwaukee, com sua extensa orla, uma miríade de festivais e uma pequena e calorosa cena artística e musical, todo o talento necessário, sem a arrogância das grandes cidades. Eu me esforçava para não levar as críticas dela sobre a cidade para o lado pessoal.

Eu estava feliz por ela, é claro, mas estava praticamente irradiando autocomiseração: fui deixada de lado, deixada para trás e abandonada, abandonada, abandonada. Em sua ausência, mergulhei na depressão, forçando-me a viver como se houvesse camadas de neblina oprimindo cada momento. Mas mantivemos uma tradição que iniciamos em Milwaukee: viagens anuais a lugares exóticos e distantes que a maioria das pessoas jamais listaria como destino turístico.

Até então, eu só havia viajado para destinos internacionais populares (Londres, Cancún, Paris...), então, em todas as férias com Kristen, parecia que entrávamos em um buraco de minhoca e aparecíamos numa outra dimensão; de início, sempre me sentia atordoada com os sons, cheiros e paisagens diferentes. Primeiro fomos para o Vietnã, nas cidades de Hoi An e Hanói, explorando as famosas “casas-tubo”, mercados noturnos e templos primorosos, mais coloridos do que um campo de papoulas. Depois, Uganda, onde todas as nossas economias foram depositadas em experiências únicas e inesquecíveis que se acumularam como uma bola de neve, inicialmente mi-lagrosas e, então, estranhamente comuns: encaramos os olhos de mármore dos gorilas em Bwindi, passeamos de barco em meio a crocodilos-do-Nilo e hipopótamos gigantes, e nos seguramos firmemente uma à outra no banco de

trás de um jipe enquanto um leão nos observava durante um safári no Parque Nacional do Vale de Kidepo.

A terceira viagem — para o Camboja — foi quando as coisas deram errado. Foi a primeira vez que nos encontramos a partir de lugares opostos do globo, e eu mal podia esperar por todo aquele tempo que passaríamos juntas pessoalmente, o tipo de momentos que subestimamos enquanto ambas morávamos em Milwaukee. Nunca imaginei que isso se transformaria em uma experiência aterrorizante, que se tornaria meu filme de terror pessoal. Mas Kristen, como sempre, me ajudou, me salvou, cuidou de mim. E aqui estávamos nós, com nossas últimas horas no Vale do Elqui, no Chile, esvaindo-se, como a chama de uma vela se apagando, e tudo parecia efusivo e bem entre nós.

Kristen arrancou uma uva do cacho e a jogou no ar, pegando-a com a boca. Ela sorriu enquanto mastigava.

— Emy, abra a boca. — Ela ergueu outra, como um dardo.

— Não!

— Me deixa tentar! Eu tenho uma mira muito boa.

— Não confio em você.

— Ei, você está falando com a pessoa eleita MVP² por três vezes na liga de basquete King of Kings. Pegue uma, acerte na minha boca. — Ela abriu a mandíbula.

— Isso não vai acabar bem — falei rindo, enquanto lançava uma uva em sua direção. Ela ricocheteou em seu queixo e caiu, milagrosamente, em seu copo vazio, e nós duas observamos em uma admiração silenciosa.

Levamos algumas horas para encontrar nosso ritmo aqui no Chile. Na longa viagem desde o aeroporto de Santiago, me senti grata de poder desfrutar da aura de Kristen novamente, sua confiança despreocupada e sagacidade brilhante. Mas meus nervos endureceram e fiquei em constante alerta quando ela parou o carro estrondosamente na frente de uma barraca de empanadas. Almoçamos encostadas no capô quente do carro, enquanto a cozinheira nos observava, uma senhora robusta de pele grossa. Uma mulher sozinha aqui, com nada além de grandes árvores e poeira sufocante por quilômetros. Eu tentei sorrir amigavelmente.

Dentro das massas triangulares, havia um ovo cozido e carne moída temperada e, sem pensar, peguei meu celular para tirar uma foto.

◇◇◇◇◇◇◇◇

² Em inglês, a sigla MVP significa *Most Valuable Player*, título atribuído ao melhor jogador de partidas esportivas. Em tradução livre, Jogador Mais Valioso. [N. da T.]

— O que você está fazendo? — Kristen engoliu sua comida e ergueu as sobrancelhas. — Você esqueceu?

— Eu não ia postar — murmurei, corando.

— Vamos, me dê. — O sol bateu na palma de sua mão aberta. Raios ultravioleta disparando em cada dobra, no desenho formado pelas papilas nas pontas de seus dedos. Eu não me mexi e ela balançou o pulso, pedindo o celular. — Você conhece as regras.

Uma brisa fez chacoalhar os arbustos ao nosso redor. A mulher ergueu os olhos do balcão, onde estava tendendo a massa.

Coloquei meu celular na mão de Kristen e sorri:

— Iniciando a desintoxicação digital.

O assunto não voltou à tona. Nossos celulares estavam guardados em nossas bolsas, apenas para casos de emergência, mas desligados, blocos mortos de metal e vidro. O início de nossa viagem ao Camboja incluiu um retiro de ioga de duas noites, sem telefones, e ambas concordamos em mantê-los desligados. E, então, a decisão nos foi muito útil. Tanta sorte, tantos detalhes incidentais alinhando-se, nos trazendo até aqui: vivas, seguras, livres.

— Então, para onde devemos ir, no próximo ano? — perguntei.

Kristen brincou com uma uva entre os dedos.

— A Turquia ainda está no topo da minha lista. E você não havia comentado que escutou coisas boas sobre a Geórgia?

Balancei a cabeça.

— Geórgia, o país? Não me lembro disso.

— Eu poderia jurar que ouvi você falando sobre isso. — Ela estreitou os olhos.

— Bom, a Turquia parece uma boa ideia — eu disse. — Istambul deve ser superanimada.

— Também estava pensando no Marrocos. Pechinchar em bazares e andar de camelo no deserto e outras coisas.

Um pensamento surgiu e eu o silencieei bem a tempo: *Aaron foi para Marraquexe, no Marrocos, há alguns anos*. Ele e eu tivemos quatro encontros, depois de meses de provocações descontraídas no café onde ele trabalhava. Aparentemente, quatro encontros foram o suficiente para ele se apoderar de minha mente e, meus devaneios flutuando para longe, como bolhas, na direção de um potencial casal.

Eu não tinha contado à Kristen sobre ele ainda. Não depois que, na primeira noite, perguntei se ela havia conhecido algum cara legal ultimamente, e ela me dispensou com escárnio e um simples “não”. Em todo o tempo que a conheço, Kristen nunca teve um namorado sério. E, depois de seis meses em Sydney, ela apagou todos os seus aplicativos de relacionamento, decepcionada ao descobrir que procurar um companheiro lá era tão frustrante quanto nos Estados Unidos. Não era como se eu não *quisesse* contar a ela, eu só não queria que a conversa sobre homens dominasse a semana, ofuscando a conversa sobre nossos sonhos, planos e mundos internos... e eu preferia morrer a esfregar minha sorte em namoros na cara dela. Aaron foi o primeiro cara com quem me senti tão empolgada em anos, e eu não queria estragar isso. Até preparei um teste secreto e estúpido: eu ligaria meu celular em breve para ver se ele teria se dado ao trabalho de me mandar uma mensagem. Se ele ainda estivesse comprovadamente interessado, eu contaria à Kristen sobre ele.

Eu me assustei quando, do nada, o dono da destilaria se inclinou sobre meu ombro. Ele recolheu nossos copos. Meus dedos formigaram com o pico de cortisol, uma reação tão exagerada.

— Vocês gostariam de mais alguma coisa? — perguntou ele. — Fecharemos em breve.

Na saída, Kristen estendeu a mão e perguntou o nome dele novamente.

— Muito obrigada, Pedro — repetiu ela e, atrás dela, eu falei “*gracias*” algumas vezes. Nós brincamos sobre isso no caminho de Santiago, ela leu todas as placas de trânsito do jeito norte-americano e eu usei o meu melhor sotaque espanhol, articulando minha língua do jeito que aprendi na escola:

— Estamos em *Chigualoco*, Chile, e eu estou feliz em poder retribuir seus serviços de motorista com meus péssimos serviços de tradução.

Kristen sorriu, seu cabelo castanho-mel esvoaçando na janela aberta.

— Você sabe que nunca precisa me retribuir por nada.



Nós caminhamos em silêncio de volta para o hotel, através de uma estrada sinuosa na montanha, flanqueada por declives abruptos e, ocasionalmente, ouvíamos o latido de um cachorro. A região era conhecida por ser um local apropriado para observar as estrelas, então, não havia luzes na rua, e as luzes da varanda eram de um laranja turvo.

— O que deveríamos fazer no jantar? — perguntou Kristen. Ela fez uma pausa para cheirar um ramo de flores brinco-de-princesa. — Não tem cheiro.

— Eu voltaria para onde almoçamos. — Procurei meu inalador em minha bolsa; as caminhadas íngremes e o ar rarefeito não incomodavam Kristen, mas eu não estava em excelente forma como ela. — O prato de quinoa parecia algo de outro mundo. E, nunca pensei que diria isso, mas, estou meio enjoada de empanadas.

— Ah, meu Deus, eu também! — Ela parou na entrada do hotel. — Eu estava esperando que você dissesse isso. Vou tomar um banho antes do jantar.

— Sem pressa. — Tirei as chaves da bolsa e me atrapalhei com o portão. No escuro, apertamos os olhos para tentar enxergar o caminho de tijolos. O hotel tinha uma estrutura estranha: quartos agrupados em quatro edifícios separados, com portas que se abriam para o exterior, no estilo de um motel. Era mais sofisticado do que os hotéis que normalmente escolhíamos e, mais caro também, mas Kristen insistiu em pagar a conta, ignorando minhas objeções enquanto entregava um maço de dinheiro.

Kristen era rica de uma forma que, ainda na faculdade, me intrigou profundamente, tirando minha mente da bolha da classe média. Ela não falava sobre isso, mas comecei a catalogar evidências em segredo: enquanto eu arrumava minha cama com um edredom listrado da Target, Kristen estendeu um edredom macio, uma composição de azul-petróleo e azul-cobalto, como uma obra de arte maleável. A minha luminária de piso era de plástico barato, com seus membros esparramados como as cobras da Medusa, enquanto uma elegante luminária Torchiere iluminava o lado da Kristen. Ela mencionava viagens a lugares exóticos, seus nomes pareciam saídos de um livro de ficção científica (Liubliana, Brno, Zagreb, Baku), mas nunca fez isso para se gabar, nem fazia alusões a seu passado com ostensivo orgulho ou humildade exagerada.

A chave encaixou fazendo barulho, e nós desabamos dentro da suíte com a libertação instantânea de conseguirmos sobreviver ao mundo exterior. Larguei minha bolsa em uma cadeira e Kristen se trancou no banheiro. Fomos promovidas para uma suíte por algum motivo — de acordo com minha compreensão medíocre de espanhol: éramos as únicas pessoas por lá ou era o último quarto que ainda estava vazio. Normalmente, eu conseguia juntar os fragmentos do que precisávamos dizer, mas minha mente ficou em branco quando um morador local respondeu, murmurando em alta velocidade como uma rocha descendo ladeira abaixo. Por mais que eu implorasse para que falassem mais devagar (“*lentamente, por favor, palavra por palavra*”), eles se repetiam no mesmo ritmo e sorriam esperançosos. Kristen também me encarava, todos esperando que meu cérebro lento funcionasse enquanto eu me sentia cada vez mais exasperada comigo mesma.

Aqui, só falávamos inglês. Eu me sentei no sofá, uma horrenda mobília azulada, e olhei pela janela: durante o dia era uma vista magnífica, montanhas marrons com algumas casas coloridas espalhadas em sua base, mas agora, havia apenas o céu estrelado e a terra abaixo dele, um espaço vazio e irregular. Escutei o barulho de água caindo vindo do banheiro, então peguei meu celular e conectei ao Wi-Fi. Uma longa sequência de mensagens de Priya narrando um momento hilário que perdi em uma reunião geral. E três mensagens de Aaron: as notícias mais excêntricas de Milwaukee que ele conseguiu encontrar.

Um sorriso surgiu no meu rosto. Ele passou no meu teste: eu contaria a Kristen sobre ele esta noite, quando encontrasse o momento perfeito. Ela entenderia por que eu não o mencionei; ela apreciaria o fato de que decidi não passar a semana inteira analisando encontros. Claro, eu não mencionaria o outro motivo pelo qual fiquei calada: Kristen, com seus padrões altíssimos

para mim, tendia a criticar meus interesses românticos. Ela detectava os alertas que passavam despercebidos por mim, os sinais de perigo que eu ignorava. Graças a Deus Aaron tinha passado no meu teste, caso contrário, é quase certo de que o escrutínio de Kristen seria mais severo.

Ainda assim, Aaron, por mais chocante que pareça, aparentava ser um dos bons. A primeira vez que nos vimos foi como um clichê fofo de cinema: conversamos enquanto ele preparava meu latte macchiato diário no Café Mona, na mesma rua do meu escritório. E, com o passar do tempo, descobri que ele estava se recuperando de um término. Então, no mês passado, fiquei surpresa quando ele pediu meu número.

Eu gostava de encontros, mas as coisas nunca pareciam ir a lugar algum com os homens que conheci em aplicativos ou através de amigos. E, há um ano, eu havia desistido completamente de namorar; cada mão masculina me lembrava aquela que ameaçou minha vida e machucou minha pele naquela noite no Camboja. Então, me surpreendi ao concordar com um primeiro encontro com Aaron: batendo palmas ao ritmo da polca¹ em um aconchegante bar, ao som de uma concertina. Iniciei a noite com a energia de uma possível amizade e terminei com uma paixão. Ele foi paciente, nunca me fazendo sentir mal por não estar pronta para explorarmos o território além do horizonte dos beijos. (Foi quando o pânico explodiu: *Pare. Pare. Pare.*) E ele era estranho, com seus óculos tartaruga, cabelos escuros desgrenhados, e a energia maníaca e excêntrica de poetas da geração perdida. Não era o meu tipo. E ainda assim...

Aaron não era nada parecido com meu namorado da faculdade, Ben; talvez seja disso que gosto nele. Continuei vendo nuances de Ben nos homens em aplicativos de relacionamento: ar de superioridade, referências obscuras da cultura pop, e insinuações de “sou bom demais para isso”. Aaron tinha uma franqueza que me parecia revigorante. Ele concluía coloridos projetos de design gráfico no meio da noite. Ele cresceu na vizinhança e gostava de passear em museus à moda antiga nos seus dias de folga, como a histórica construção Pabst Mansion e a ligeiramente assustadora exposição *Streets of Old Milwaukee*, no museu público. Ele se interessava por tudo, mas, principalmente, se interessava em mim.

Kristen saiu do chuveiro, emoldurada em vapor. Ela tirou um vestido do guarda-roupa e se sentou na frente de um espelho, aplicando cuidadosamente sua base e um pouco de rímel. Eu não tinha certeza sobre o porquê de



¹ Polca é um estilo popular de música e de dança que se originou no início do século XIX na Boêmia, República Tcheca. [N. da T.]

continuarmos fazendo isso: de qualquer forma, não estávamos compartilhando fotos nossas, e Kristen não se importava muito em impressionar estranhos. Imagino que ela estava acostumada a estar sempre bonita, seu cabelo caramelo ondulado e seus grandes olhos castanhos.



— NÃO ACREDITO que esta é a nossa penúltima noite aqui — ponderou Kristen enquanto caminhávamos para a cidade.

— Eu sei. Logo estaremos de volta aos nossos *cubiculos*, argh. — Olhei para ela. — Precisamos de um plano para lidar com Lucas. — Ela odiava o chefe, um corpulento expatriado suíço que, segundo Kristen, começou a não gostar dela no minuto em que a empresa desembolsou mais de US\$1.500 para seu visto de trabalho. — O que sabemos sobre gerenciamento ascendente?

— Isso é impossível quando se é um bode expiatório. — Ela encolheu os ombros. — A filial não está atingindo as metas trimestrais, e sou a única gerente que não faz parte do clubinho de executivos superiores, quer dizer, clubinho de garotos em cargos altos. Acho que eles têm medo de mim.

— Medo de você?

— Da mesma forma que, lá no fundo, todos os homens têm medo das mulheres. — Kristen traçou os dedos por uma trepadeira selvagem pendurada na rua.

— Você acha que os homens têm medo de nós? Eu sinto o oposto. Mas não sou crossfiteira e forte como você. — Então era assim que Kristen encarava a vida? Eu invejava a indiferença dos homens à segurança pessoal; como eles podiam caminhar por um beco escuro sem pensar duas vezes.

— Claro que eles têm. É por isso que são tão cruéis. Homens com manifestos insanos e acesso a rifles de assalto.

— Por que causaríamos medo neles?

— Porque sabemos coisas. Nós vemos coisas, *percebemos* coisas que passam despercebidas por eles. — Ela passou por cima de uma pilha de estreme de cavalo. — Afinal, fomos nós que comemos o fruto da árvore do conhecimento.

— Referências *bíblicas*. Que anacrônico de sua parte. — Todas as mulheres eram especialistas na arte da percepção aguçada? Kristen podia ser observadora, interpretando as consequências, as pessoas e os lugares de forma astuta e analítica. Mas eu era mais sensível, mais emotiva e permeável do que

ela. Isso significava que a visão de um pássaro morrendo à beira da estrada poderia me causar grande sofrimento, mas também havia vantagens: sempre que uma borboleta passava voando, meus olhos transbordavam de alegria, como se compartilhássemos um segredo.

Saímos da rua estreita e entramos em uma rua de paralelepípedos e contemplamos, novamente, o lindo restaurante vegetariano: havia uma enorme samambaia xaxim no centro do pátio, com apanhadores de sonhos coloridos e uma bandeira tibetana de orações desgastada pendurada entre as árvores próximas. Nossa empolgação sobre novas cidades é quase orgástica. Quando esbarramos neste local antes, ambas ficamos tão dominadas por sua beleza que caímos em um abraço espontâneo cheio de risadas.

Kristen adorava contar às pessoas como nos conhecemos, como se fôssemos um casal que estava junto há anos, mas ainda maravilhadas com a sorte de estarmos juntas. No segundo ano da universidade, éramos as únicas mulheres em nossa turma de Métodos Estatísticos em Economia. Alguns caras, a maioria veteranos, nos expulsaram da discussão, revirando os olhos para as nossas perguntas e rejeitando nossas opiniões com uma presunção quase cômica. Enquanto caminhávamos de volta para o corredor, sorri timidamente para Kristen.

— Então, isso foi... interessante.

— Deveríamos estudar juntas — respondeu ela. — Estabelecer um padrão inalcançável para aqueles babacas. Me chamo Kristen.

Arrumei os livros em meus braços para conseguir apertar sua mão estendida para mim. E então senti algo, uma dissociação, um movimento oscilante similar a quando se desce de um barco: uma parte de mim sabia que isso era *importante*, que as coisas não seriam mais as mesmas.

Eu não tinha essa sensação desde que conheci Ben em uma festa no primeiro ano do ensino médio, quando ele, um lindo garoto saído de um colégio interno só para garotos, se aproximou e disse “oi”, seus olhos azul-gelo fixos nos meus. Em menos de um mês estávamos oficialmente “saindo juntos”. No segundo ano da faculdade, quando a mão de Kristen agarrou a minha, Ben e eu decididamente não estávamos mais apaixonados. Mas eu ainda o amava, porque estávamos juntos há anos. Adotei uma abordagem de economia comportamental para a situação: todo o tempo e espaço, conhecimento e sentimentos que havíamos investido, o futuro que imaginávamos em Minneapolis, nossa cidade natal. Tudo parecia um negócio fechado, inevitável. Investimentos irrecuperáveis, esperanças perdidas.

Eu tinha tão pouca visão de mundo naquela época. Não tinha capacidade de dar um passo para trás e observar as coisas com clareza. *Ele cuida de você*, disse a mim mesma, porque ele deixou claro que era mais inteligente do que eu. *Ele só quer o melhor para você*, disse a mim mesma, porque ele não gostava dos meus amigos da faculdade mais barulhentos, odiava quando eu bebia e ficou enfurecido quando experimentei um baseado. *Ele quer que você dê o melhor de si*, recitei como uma boneca de corda, porque ele queria que eu aprendesse sobre literatura esotérica russa, cinema independente e música aceita por pessoas pedantes. Além disso, havia um certo aconchego em nossa dinâmica, em saber como ele preferia seu café, em saber onde comeríamos antes do cinema, e como tudo terminaria. Um rápido vislumbre do futuro, como espiar a última página de um mistério antes da narrativa se tornar muito intensa.

E então, conheci Kristen. Quase instantaneamente nos tornamos inseparáveis: descobrimos nosso amor mútuo por trocadilhos geek, quebra-cabeças ridículos e criamos nossa própria linguagem secreta, nosso mundo para duas. Encontrávamo-nos no campus para estudar juntas, e a localização vinha rigorosamente por meios de pistas em mensagens de texto: uma caça ao tesouro, e o prêmio era nosso encontro. Nos dormitórios, deixávamos mensagens criptografadas nos quadros brancos pendurados em nossas portas: reclamações codificadas sobre sermos expulsas de nossos quartos porque nossas colegas de quarto estavam transando ou convites para jantar. Esconder segredos à vista de todos deu à nossa amizade uma eletricidade. Afinal, é excitante aprontar e sair impune.

Suponho que seja um pensamento irônico depois do que aconteceu no Camboja. Uma piscina de sangue tornando-se cada vez maior.

Na faculdade, a alegria de andar por aí com Kristen foi um suspiro de alívio absoluto, em contraste a como eu me sentia quando estava com Ben, pequena e oprimida. Kristen foi a primeira a questioná-lo e fazer as perguntas certas, até que, lentamente, muito lentamente, passei a reconhecer a influência dele sobre mim, suas críticas, sua manipulação psicológica. Comecei a me posicionar mais com Ben e a questioná-lo sobre suas atitudes. Eu me questioneei sobre nossos planos de pós-graduação que, na verdade, eram os planos *dele*, e eu fazia parte do cenário, apenas um acessório. Foi para o apartamento de Kristen que eu corri às 2h da madrugada quando, no último ano, Ben e eu tivemos a Briga do Século, gritando e perdendo o controle.

Eu e ele quase nunca brigávamos, nosso ressentimento foi aumentando, então foi um daqueles momentos em que uma parte sua se separa do corpo e